

# AKRÓPOLIS

REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIPAR

## EDITORIAL

No dia 22 de abril próximo passado, o Brasil celebrou 500 anos de seu nascimento.

Na verdade, a efeméride tem suscitado longos e acirrados debates, tanto em nível acadêmico como através da mídia, o que tem oferecido à sociedade brasileira a oportunidade de ampla meditação sobre diferentes ângulos de análise do seu passado, do presente e de perspectivas futuras. As gerações vindouras, com certeza, haverão de tirar proveito dos novos postulados filosóficos, sociológicos, históricos, culturais e éticos propostos pelo debate. Os diferentes pontos de vista são o que existe de melhor para uma sociedade que está em busca de sua identidade.

Observando a nação, apenas do ponto de vista histórico, há que se admitir que a sociedade brasileira constitui-se hoje de uma indiscutível amálgama das três raças originárias. Estudos recentes revelam que 60% do povo brasileiro atual é fruto dessa miscigenação. Nos festejos oficiais, no entanto, as elites políticas dirigentes ignoraram solenemente tal fato.

Faltou aos organizadores da festa pelo aniversário da chegada dos navegadores portugueses a estas plagas a sensibilidade e o reconhecimento da história real e a

realização das ações correspondentes e adequadas. Isso teria levado ao desarme dos espíritos, pensando muitas das antigas feridas, congraçando as mentes em torno do núcleo essencial, promovendo a saudável sensação coletiva de um país plural e sequioso de unidade em torno de questões fundamentais. O acontecimento tornou-se uma extraordinária oportunidade perdida. Os festejos oficiais passaram ao imaginário coletivo a impressão de uma festa privada, promovida pelas elites políticas dirigentes - que são vistas como prolongamento solitário da etnia dos primeiros navegadores - com a intencional exclusão das demais. Tal fato revela por si quão distante o Brasil se encontra ainda do ideal de uma democracia civilizada, feita de ações, não apenas de discurso.

Muito provavelmente, pode-se atribuir o engano ao limitado horizonte intelectual daqueles que, eleitos para capitanear os destinos da nação, percebem-na como um feudo privado. Embora pinçados do seio da mesma sociedade, equivocam-se ao não perceber a importância da ilustração pessoal e coletiva através de um comprometido investimento em educação, caminho singular dos povos que aspiram à formação de uma sociedade pluralista, mas crítica e

participativa. Só a educação possui potencial condição de desenvolver a capacidade de ver o homem em sua singularidade e os fenômenos sociais, como um todo, a partir de um horizonte essencial. A menoridade intelectual é uma doença que tem cura. Basta investir seriamente em educação.

Espera-se daqueles que receberam, através do voto, a incumbência de gerir os destinos econômicos e civis da sociedade, que desenvolvam a capacidade superior de investigação dos fenômenos sociais. A ausência do apuro intelectual, que consiste na superação constante da ideologia, torna difícil escrutinar com certeza o âmago da natureza humana, o sentido da vida. Talvez, por aí se explique o afã de muitos que se perdem em legislar em favor próprio ou de uma pequena minoria, retardando a concretização do anseio coletivo da construção de uma nação justa e igual no espírito democrático.

A Revista *Akrópolis*, nascida para ser portadora de idéias, apresenta a cada três meses sua parcela de esforço para a formação de novas gerações de homens pensantes. É a sua contribuição para o debate dos pressupostos e das ações capazes de inaugurar um país forte e unido, no qual, em essência, se reconheça e se pratique consentidamente e com realismo a igualdade e a justiça social. Otimismo e pessimismo são dois extremos que, segundo Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, escamoteiam o realismo, onde mora a virtude. É esse o foco de luz a ser perseguido quotidianamente por aqueles que fazem a academia e por aqueles que militam na administração da pólis.

Ser realista não implica no abandono de uma ideologia, necessidade humana insubstituível, um modo próprio de pensar e

conceber a vida. Implica, sim na abertura à pluralidade de ideologias, como fatores de crescimento e desenvolvimento individual e coletivo. Onde não há respeito à ideologia oposta, não há democracia enquanto sinônimo de sociedade política e economicamente equilibrada e justa. Investir na compreensão cada vez mais profundo da natureza humana é o caminho, como um ideal, a ser perseguido. Aqueles que compõem a academia e os agentes públicos foram selecionados pela vida a participar mais intensamente no debate sobre princípios que irão nortear o processo de construção dos próximos 500 anos do Brasil. Sem traumas ou retaliações, há que se reconhecer que muitos foram os desvios cometidos ao longo desses 500 anos desde o nascimento do Brasil.

Só o esclarecimento intelectual pode produzir e induzir à percepção das ações corretas. A ideologia norteadora dos próximos 500 anos tem como meta a criação de uma sociedade brasileira equilibrada e justa. Para alcançar tal objetivo, será preciso que as elites acadêmica e política envidem todos os esforços necessários em educação e em exemplos no desenvolvimento de um ideal de homem esclarecido, culto e ético. É uma tarefa individual e coletiva.

Enquanto isso não acontecer, o Brasil continuará a produzir elites desnaturadas, cujos valores se fundam na esperteza, na ameaça ou força. Sem o resgate dos valores fundamentais não há muito que comemorar.

*Antônio Frederico Zancanaro*